

As Portas que Abril Abriu – e que se devem manter abertas



Trabalho realizado por: Inês Cunha
Disciplina: História A / Módulo 8
Ano/Turma 12°C

Índice

Introdução.....	3
Contextualização do Poema.....	3
José Carlos Ary dos Santos – Vida do Artista	
<i>As Portas que Abril Abriu</i> – José Carlos Ary dos Santos, 1975	
Análise do Poema.....	4-7
Análise da Primeira Parte - Governo Salazarista e Ditadura.....	4
Análise da Segunda Parte - Revolução de 25 de Abril.....	5
Análise da Terceira Parte – Pós-Revolução.....	6-7
Conclusão.....	7
Bibliografia/Referências.....	8

Introdução

A liberdade é, hoje em dia, um direito que temos como garantido. No entanto, não nos devemos esquecer de que há meio século a vida não era como hoje a conhecemos. Este ano celebra-se o 50º aniversário do 25 de Abril, e com ele, todas as vitórias que a democracia nos trouxe.

Deste modo, o presente trabalho tem como objetivo o recordar e reavivar de todas essas conquistas, tendo como base a análise do poema escrito por José Carlos Ary dos Santos, juntamente com referência aos acontecimentos no contexto histórico.

É também importante refletir acerca do impacto da ditadura na vida de quem a viveu, e da influência da mesma, ainda presente nos dias de hoje.

Há ainda que frisar a importância deste tipo de trabalhos, que nos ajudam a relembrar o que não deve ser esquecido: *agora ninguém mais cerra as portas que Abril abriu!* (José Carlos Ary dos Santos, 1975).

Contextualização do Poema

José Carlos Ary dos Santos – Vida do Artista

José Carlos Ary dos Santos foi um poeta e declamador português, conhecido pelo público como um dos mais talentosos da sua geração.

Dedicou a sua vida à escrita de poesia, tendo publicado um disco como declamador e participado noutros, junto de grandes nomes da cultura portuguesa.

Ary dos Santos dedicava também parte da sua vida à política, participando intensa e ativamente como militante, antes e depois da Revolução. Integrou a campanha da Comissão Democrática Eleitoral e filiou-se no Partido Comunista Português.

É autor das letras de diversas canções satíricas e de intervenção com uma considerável popularidade. Nos seus últimos anos, dedicou-se à escrita de canções para vários artistas do mundo do Fado.

As Portas que Abril Abriu – José Carlos Ary dos Santos, 1975

O poema «As Portas que Abril Abriu» foi escrito por José Carlos Ary dos Santos em Lisboa, em 1975.

Este poema celebra a Revolução de 25 de Abril, explicando, em verso, o longo caminho que Portugal percorreu desde a opressão da ditadura à liberdade da democracia.

Representa, então, a liberdade e esperança conquistadas com o fim da ditadura, assim como os valores democráticos e os direitos humanos apresentados aquando a criação da democracia.

Considerado um hino de liberdade, o poema serve também de apelo para que não se voltem a fechar *As Portas que Abril Abriu*.

Análise do Poema

O poema encontra-se dividido em três partes:

- i. Primeira Parte – Governo Salazarista e Ditadura
- ii. Segunda Parte - Revolução de 25 de Abril
- iii. Terceira Parte - Pós-Revolução

Análise da Primeira Parte - Governo Salazarista e Ditadura

Na primeira parte do poema, o regime ditatorial instaurado no país é o tema central. Portugal era um país com um elevado atraso a nível económico e social, fruto de um isolamento a nível internacional, "orgulhosamente só", com um desenvolvimento tardio. *Morria primeiro quem nascia desgraçado*, graças ao conceito de corporativismo, que concentrava a riqueza nas mãos de uma elite de industriais, empresários que tinham direito a vidas "dignas" e de luxo, enquanto os trabalhadores *de tal maneira explorados* eram obrigados a viver com o pouco que tinham.

A estagnação do mundo rural e a emigração foram outros fatores que contribuíram para o atraso no desenvolvimento de Portugal, que se encontrava num nível de evolução bastante inferior ao resto da Europa.

O regime de cariz autoritário e anti parlamentarista concentrava os poderes no Governo, que recorria a instrumentos de propaganda, de censura, de controlo e de repressão dos movimentos oposicionistas e se apoiava na ação da polícia política.

O alistamento dos homens na tropa era obrigatório, sendo estes forçados a ir para a guerra, combater nas três frentes da Guerra Colonial, *para encher quem estava podre de comer a sua terra*. Como tal, milhares de jovens e homens (e respetivas famílias) viram as suas vidas transformadas à conta da guerra, assim como muitos outros acabaram por perdê-las.

Estando o clima de opressão e medo na base de *um país e tal maneira explorado*, muitas pessoas, fartas de serem tratadas *como a arma dos patrões*, viram na emigração uma solução para fugir à guerra.

Deste modo, nesta primeira parte, o poeta pretende demonstrar o desalento e infelicidade vividos naquela altura, uma vez que Portugal era o país onde *vivia o mais infeliz dos povos à beira terra*.

Portugal, um país atrasado, com um povo atrasado, fruto de um Governo atrasado. Um *Portugal suicidado*.

Análise da Segunda Parte - Revolução de 25 de Abril

Na segunda parte do poema, é explicada a Revolução de 25 de Abril de 1974, que *fez Portugal renascer e* marcou o início da vida democrática em Portugal.

Organizada pelo Movimento das Forças Armadas (MFA), que planta *a semente da esperança feita de força e vontade*, com o objetivo pôr de termo ao regime autoritário do Estado Novo. A principal motivação deste grupo de militares estava relacionada com o impasse da guerra colonial.

No entanto, apesar da maioria dos líderes do MFA serem oficiais conscientes e de esquerda, o seu programa era vago, ambicioso, mas sem grande estratégia de aplicação.

O III Congresso da Oposição Democrática define, então, os três principais objetivos: o fim da guerra colonial; a luta contra o poder absoluto do capital monopolista; a conquista das liberdades democráticas. Estes objetivos ficaram também conhecidos pelos “Três Dês”: “Descolonizar, Democratizar, Desenvolver”.

O golpe, planeado por Otelo Saraiva de Carvalho, *abriu as portas da claridade* no dia 24 de Abril às 22:55 horas, com a transmissão da canção *E depois do Adeus*, que marca o início das operações militares contra o regime.

Já no dia 25 de Abril, *na madrugada serena*, é transmitida a canção *Grândola, Vila Morena* de Zeca Afonso, sendo o sinal de que as operações militares já estariam em marcha.

Foram ocupados os principais pontos estratégicos da cidade, com o auxílio de Salgueiro Maia, uma das figuras mais importantes deste dia. *Arrancaram-se as mordças*, e foi forçada a rendição de Marcello Caetano, que entrega o poder ao General António de Spínola.

A segunda parte dedica-se, portanto, ao 25 de Abril, o dia que em se viu *o povo libertado do terror da opressão*.

Análise da Terceira Parte - Pós-Revolução

Na terceira parte do poema, é descrito o período pós-revolucionário, marcado por um clima de tensão e instabilidade política, que se traduz na constituição de seis governos provisórios entre maio de 1974 e julho de 1976.

O *Diário de Lisboa*, anuncia que *Caxias Caiu* no dia 26. As *celas tão frias* ficam vazias, após a libertação dos presos políticos. Os militares consagram um governo de esquerda, com um programa baseado nos “Três Dês”.

No dia 1 de Maio *o povo desfilou nas ruas em procissão*, numa demonstração de pura alegria pela liberdade recentemente conquistada, gritando em uníssono que *o povo unido jamais seria vencido*.

As tensões sociais e o descontentamento popular eram evidentes, quando *muitas profissões souberam que o seu dinheiro era presa dos patrões*. Começam a surgir greves, ocupações, manifestações, associações e assembleias populares de base.

O General António de Spínola, em 28 de Setembro de 1974, faz um apelo a uma manifestação de apoio, de modo a poder decretar o estado de sítio e concentrar o poder em si. Promovida pelos setores conservadores, a chamada *Maioria Silenciosa*, teria como objetivo reforçar a posição política de Spínola, no entanto é proibida pelo MFA. O General apresenta a sua demissão do cargo de Presidente da República no dia 30 de Setembro de 1974, sendo sucedido por Francisco da Costa Gomes.

No dia 11 de Março de 1975, Spínola dirige uma tentativa de golpe de Estado. *Um baile de Tartufos*, que acaba por fracassar. Durante o ataque, Portugal acaba por *pagar com o sangue de um soldado*: é morto o soldado Joaquim Carvalho Luís. Após o falhanço, Spínola escapa para Espanha, acabando por exilar-se no Brasil.

A Junta de Salvação Nacional e o Conselho de Estado, criados após o 25 de Abril, são substituídos pelo Conselho da Revolução, que visava conduzir *um país novo* no rumo ao socialismo.

O processo de descolonização termina em 1975. Nesta circunstância, voltam para um Portugal em tensão política e económica, milhares de *retornados* que se tinham fixado no Ultramar. Muitos sofreram pelas dificuldades de integração, com um sentimento de injustiça social, uma vez que a realidade portuguesa divergia da *distância imaginada*.

As eleições para a Assembleia Constituinte realizaram-se no dia 25 de Abril de 1975. Segue-se um período de tensão e agravamento da violência, pelo confronto de duas tendências: os defensores da “via revolucionária” e os defensores de “uma via mais moderada”.

Inicia-se uma política de nacionalização de vários setores-chave da economia: bancos emissores e privados, empresas de seguros, setores da eletricidade, petróleo, siderurgia, metalurgia, química, celulose, tabaco, bebidas, transportes e telecomunicações.

É também posta em prática a Lei da Reforma Agrária, que visava uma mais justa distribuição da riqueza e da posse da terra. Como tal, foi feita a expropriação de latifúndios e redistribuição de propriedades agrícolas.

Em Agosto de 1975, é publicado o *Documento dos Nove*, um manifesto de resposta aos militares radicais. Em oposição, Otelo Saraiva de Carvalho, comandante do COPCON, apresenta uma proposta de trabalho para um programa político, numa vertente mais revolucionária.

Os oficiais da extrema-esquerda acabam derrotados pelas forças militares moderadas, sendo o dia 25 de Novembro de 1975 assinalado como a derrota da “ala revolucionária” do MFA. Assinala-se também o final do Verão Quente de 1975.

“só nos faltava agora que este Abril não se cumprisse.”

Abril cumpriu-se:

A 2 de abril de 1976, a Assembleia Constituinte aprova a Constituição da República Portuguesa, que enquadra princípios ideológicos de diferentes quadrantes políticos. São quatro os quatro os órgãos de soberania: o Presidente da República; o Conselho da Revolução; a Assembleia da República; o Governo e os Tribunais.

A 25 de Abril realizam-se as primeiras eleições para a Assembleia da República. A revolução e o processo de instauração da democracia fazem-se sentir em todos os sectores: na comunicação social, na educação, na cultura, no trabalho, na sociedade, na economia e nas mentalidades, alcançando-se, assim, em 1976, dois objetivos propostos pelo programa do MFA: a democratização do país e a descolonização.

Inicia-se assim o período de estabilização da democracia, num Estado que reconhece a liberdade política, os direitos, as garantias dos cidadãos e dos trabalhadores; promove a democracia e a descentralização do poder; consagra a autonomia e o governo próprio das regiões autónomas da Madeira e dos Açores.

Conclusão

A pesquisa realizada para a elaboração deste trabalho demonstra que muitos foram os danos que a ditadura deixou na nossa sociedade. O seu impacto na vida das pessoas acaba por se refletir na sociedade e mentalidade portuguesa dos dias de hoje. Muitas foram as vítimas dos ideais de Salazar: as que morreram, as que viveram privadas de liberdade, e as que ainda vivem presas nas suas convicções.

Abril cumpriu-se, pois conquistámos a liberdade e todos os direitos adjacentes à mesma, mas ainda temos por cumprir parte do terceiro dê: “Desenvolver”. Como tal, ainda temos um longo caminho a percorrer no que diz respeito à evolução enquanto sociedade.

A Revolução dos Cravos trouxe-nos a possibilidade de usufruir da liberdade na sua plenitude, pelo que devemos dar-lhe um uso correto, sem descurar que a vida não é algo linear, e como tal, as condições podem sempre alterar-se.

É necessário conservar e proteger o regime democrático, nutrindo os valores de Abril. Para tal, em tempos de extremismo, corrupção e difusão de informações, a passagem de testemunhos para as gerações mais recentes é crucial, para que nunca se baixe a guarda e nunca se esqueça que *agora ninguém mais cerra as portas que Abril abriu!*

Bibliografia/Referências:

[https://pt.wikipedia.org/wiki/Revolução de 25 de Abril de 1974#https://www.parlamento.pt/Parlamento/Paginas/construcao-democracia_1974-1976.aspx](https://pt.wikipedia.org/wiki/Revolu%C3%A7%C3%A3o_de_25_de_Abril_de_1974#https://www.parlamento.pt/Parlamento/Paginas/construcao-democracia_1974-1976.aspx)
<https://www.parlamento.pt/Parlamento/Paginas/dias-democracia.aspx>
<https://www.museudofado.pt/fado/personalidade/ary-dos-santos>
<https://ensina.rtp.pt/artigo/1975-foi-ano-de-prec/>
<https://ensina.rtp.pt/artigo/o-verao-quente-de-1975/>
<https://www.dn.pt/722658092/para-preservar-a-democracia-e-preciso-regar-os-cravos/>